

<https://doi.org/10.51234/aben.22.e09.c02>

ENSINO DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM EM ESPAÇOS INTERDISCIPLINARES: MUSEUS E CENTROS DE MEMÓRIA

Maria Angélica de Almeida Peres^I

ORCID: 0000-0002-6430-3540

Fernanda Batista Oliveira Santos^{II}

ORCID: 0000-0002-8523-0547

Maria Lelita Xavier^{III}

ORCID: 0000-0003-3014-733X

Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense^{IV}

ORCID: 0000-0002-3176-2134

Gisele Fernandes Tarma Cordeiro^I

ORCID: 0000-0001-5083-6373

^IUniversidade Federal do Rio de Janeiro.
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

^{II}Universidade Federal de Minas Gerais.
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

^{III}Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

^{IV}Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Macaé, Rio de Janeiro, Brasil

Autora Correspondente:

Maria Angélica de Almeida Peres
E-mail: mariangelica@eean.ufrj.br



Como citar:

Peres MAA, Santos FBO, Xavier ML, Aperibense PGG, Cordeiro GFT. Ensino de história da enfermagem em espaços interdisciplinares: museus e centros de memória In: Peres MAA, Padilha MI, Santos TCF, Almeida Filho AJ, (Orgs.) Potencial interdisciplinar da enfermagem: histórias para refletir sobre o tempo presente. Brasília, DF: Editora ABEn; 2022. p. 21 a 29 <https://doi.org/10.51234/aben.22.e09.c02>

Revisora: Tânia Cristina Franco Santos.
Doutora em Enfermagem.
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
Rio de Janeiro, RJ.

APRESENTAÇÃO

Nas primeiras décadas do século XXI, a Enfermagem brasileira vem demonstrando forte e acumulada preocupação com a memória e a identidade profissional, expressa pela criação e manutenção de acervos institucionais. Isso pode estar sendo dinamizado graças aos avanços produzidos a partir da produção de conhecimento na linha de pesquisa de história da enfermagem brasileira, presente em grande parte dos atuais cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Uma das vertentes da pesquisa em história da enfermagem é o destaque à construção e desenvolvimento de fortalecida identidade profissional de enfermagem, tema de interesse comum para a formação acadêmica e para a prática profissional na assistência cotidiana à saúde.

Ademais, a enfermagem vem sendo engrandecida com a criação e uso pedagógico de museus e centros de memória com a finalidade de preservar sua história profissional e divulgação na sociedade brasileira em geral, da importância da enfermagem no contexto do desenvolvimento social de todo o país. Em nível nacional, as duas principais instituições representativas da enfermagem, inauguraram importantes espaços de memória da enfermagem brasileira no ano de 2010. O Conselho Federal de Enfermagem (COFEn) inaugurou, em 12 de maio, na cidade de Salvador/Bahia, em endereço expressivo, pelas exposições artísticas, no histórico bairro Pelourinho, o Museu Nacional da Enfermagem (MUNEAN), e a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn Nacional) inaugurou em 4 de agosto, na sua sede na cidade de Brasília/DF, o seu Centro de Memória da Enfermagem Brasileira (CEMEnf).

Outras iniciativas já existiam em instituições de ensino superior de enfermagem nas diferentes regiões do Brasil, majoritariamente ligadas a núcleos/grupos de pesquisa de história da enfermagem, que ao longo dos anos vêm utilizando esses espaços como laboratórios de ensino, pesquisa e extensão⁽¹⁻²⁾.



Este capítulo relata as principais experiências em prol da interdisciplinaridade no ensino e na pesquisa em história da enfermagem, bem como as possibilidades que se vislumbram para que museus de enfermagem se transformem em espaços culturais mais acessíveis à população.

USO DOS ESPAÇOS DE MEMÓRIA COMO FORMA DE ESTABELECEM RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES

Os museus e centros de memória são repositórios da memória de um povo, responsáveis pela guarda e preservação das obras e artefatos que se constituem em acervos representativos de suas histórias e cultura, registradas com meios instrumentais e condições tecnológicas disponíveis em cada época, como pictografias, esculturas, monumentos, máquina fotográfica, filmes, entre outros, evoluindo através da criação e aperfeiçoamento dos seus suportes informacionais. Ao serem reunidos em espaços museais, passíveis de exposição, tornam-se objetos que compõem um espaço de produção de conhecimento, intermediando a construção social da memória e favorecendo a interdisciplinaridade.

O museu, com esta finalidade de ser um espaço de produção de conhecimento, tem sua origem na Alexandria, no palácio de Alexandre, fundado por Ptolomeu Filodelfo no século III a.C., e financiado pelo Estado. Funcionava como uma instituição pluridisciplinar de ensino e de pesquisa. Em suas dependências reunia museu, biblioteca, universidade, bem como jardins botânicos e zoológicos, difundindo conhecimento em diversas áreas do saber, como filosofia, medicina, história, astronomia, mitologia e astrologia⁽³⁾.

Nessa perspectiva, o museu é concebido e perdura na atualidade, a partir de duplo posicionamento: de um lado é guardião de acervos expressivos da memória de uma determinada sociedade e de outro, é espaço de ensino e pesquisa com multiplicidade de objetos de estudo a disposição de professores, estudantes e pesquisadores que se entrelaçam formando pontos de interseção nos contextos das práticas sociais. Logo, o espaço museal se transmuta em espaço interdisciplinar.

Os espaços museais ao preservarem referências patrimoniais possibilitam reflexões sobre o homem, seu meio ambiente e suas atividades. Deste modo, vinculam-se necessariamente ao conhecimento interdisciplinar. O discurso museológico deve ser aberto, plural, diversificado, multilíngue e multifacetado, como é a experiência das diferentes sociedades que constroem a história da humanidade⁽⁴⁾.

A relação museu/ensino evidencia-se pelas especificidades que regem o ensino formal e o ensino não formal. Entre as instituições de ensino e os espaços museais existem múltiplas formas de interação baseadas em diversidades de ações educativas propostas por ambas as instituições. Considerando que o impacto das ações educativas dos museus não é único e nem homogêneo é importante entender quais as possibilidades e especificidades possíveis de cada ação educativa⁽⁵⁾, proporcionando aos estudantes entrarem em campos de conhecimento distintos, como história, antropologia, sociologia, entre outros.

Desse modo, os museus contribuem para a diversificação dos modos de ensinar e aprender. O professor pode utilizar o museu com suas riquezas históricas para fazer da visita um espaço de curiosidade, envolvimento e questionamento, despertando no estudante interesse efetivo pelo conhecimento. Os objetos museais podem servir como fonte de análise, de interpretação e de crítica por parte dos estudantes, levando a uma postura questionadora que aumenta o conhecimento sobre os homens e sua história⁽⁶⁾. Essa postura é possível quando as metodologias de ensino colocam o estudante como protagonista no processo de ensino aprendizagem, apresentando recursos que os incentive a ter iniciativa na busca de conhecimento⁽⁷⁾.

Nessa linha de pensamento, a enfermagem tem se destacado com a criação de espaços museais independentes e com grande possibilidade educativa além de estabelecer parcerias com os seus pares na troca de conhecimentos como o Centro de Memória Nalva Pereira Caldas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em relação ao Museu da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tais espaços como repositórios da memória, na condição de patrimônio da profissão, se constituem em elementos que fortalecem o sentimento de identidade, seja ele individual social ou coletivo da enfermagem, de enfermeiros e dos estudantes de enfermagem, e possibilita recriar o caminho histórico

percorrido pelas nossas antecessoras e compreender a conformação da profissão na atualidade. A História promove o desenvolvimento de habilidades críticas nos estudantes com relação a eventos e questões históricas, além de explorar como os eventos podem alterar a profissão⁽⁸⁾.

A partir de 2017, com a criação do Museu da Escola de Enfermagem Anna Nery, institucionaliza-se a atividade de visita guiada, que já era realizada nas dependências da estrutura tombada onde funciona a instituição - o Pavilhão de Aulas - com um passeio pelo patrimônio da enfermagem sob sua guarda e administração. A divulgação dessa experiência se expande a outras instituições que iniciam o mesmo processo em seus espaços de memória, como foi o caso do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMENF/UFMG) que, como o Museu da EEAN, articulou suas propostas, a partir da implementação de projetos de extensão universitária.

O investimento de pesquisadores brasileiros de história da enfermagem se volta para o patrimônio material e imaterial da enfermagem, resultando em espaços de exposição da sua história, de modo que a busca pelo conhecimento, especialmente nos cursos de graduação em enfermagem, tire proveito das atividades em museus como estratégia de revitalizar o ensino de história da enfermagem.

VISITA GUIADA AO MUSEU DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO ESTRATÉGIA DE DIFUSÃO DE CONHECIMENTO INTERDISCIPLINAR

O ensino de história da enfermagem e a preservação da memória institucional são preocupações da EEAN desde sua inauguração na década de 1920. O primeiro currículo da escola trazia em sua matriz a presença da disciplina História da Enfermagem como uma das bases da formação profissional de enfermeiras, o que se mantém até a atualidade. Convém destacar que, durante muitos anos (até os anos 1960, seguramente), essa disciplina foi privilegiada e estrategicamente ministrada por Diretoras de Escolas de Enfermagem, ou alguém de grande prestígio entre os docentes.

Tendo sido a primeira escola de enfermagem baseada nos princípios de Florence Nightingale e reconhecida pelo governo federal, a EEAN, que passou a fazer parte da Universidade do Brasil, hoje UFRJ, em 1937, adquiriu importante papel no desenvolvimento da enfermagem brasileira, sendo pioneira, portanto, em colocar o ensino de enfermagem na universidade e em oferecer formação *stricto sensu* para enfermeiros, dentre outras iniciativas de liderança que constam na literatura que trata da história dessa instituição⁽⁹⁾.

Em um tempo em que o papel era o principal suporte para o registro documental, a EEAN cuidou de manter sua documentação organizada e preservada, incluindo fotografias impressas que registram a trajetória da instituição e da formação de enfermeiros no Brasil, uma vez que se trata de uma das principais instituições de ensino de enfermagem do país.

Na década de 1970, a Associação de Ex-alunos da EEAN, cuja sigla oficial é ANA, se dedicou a reunir e inventariar todos os objetos que poderiam constituir o acervo museal da instituição, reunindo-os em caixas identificadas, que foram guardadas para quando houvesse um espaço apropriado à sua exposição. Dessa forma, uma reserva técnica do museu da EEAN passou a existir de fato e de direito, contudo, o projeto de criação do museu ainda não seguiu adiante, com a mesma celeridade.

Mais de quarenta anos se passaram até que, em 2017, foi possível a inauguração do Museu da EEAN no espaço que já havia sido o refeitório das estudantes e a biblioteca setorial de pós-graduação, no primeiro andar do Pavilhão de Aulas da Escola, prédio histórico, inaugurado em 1927. As circunstâncias que fizeram a escola retomar o projeto de criação do museu envolveram o Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras) e o Centro de Documentação (CDOC) da EEAN, ambos criados em 1993, além da ANA e do Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis (HESFA)⁽¹⁰⁾.

Por ocasião das comemorações dos 90 anos da EEAN, em 2013, a professora responsável pela disciplina Estudos de História da Enfermagem, oferecida na graduação, e coordenadora do CDOC/EEAN, Maria Angélica de Almeida Peres, iniciou a atividade de visita guiada ao Pavilhão de Aulas (PA) para os estudantes que

cursavam a referida disciplina. Essa atividade se expandiu, passando a ser ofertada para outras instituições de ensino superior de enfermagem nos anos seguintes, atingindo instituições do município do Rio de Janeiro e de outras localidades como Niterói, Duque de Caxias e Ribeirão Preto.

O aumento da procura pelas visitas guiadas ao PA e o reconhecimento dos cursos de enfermagem quanto a contribuição da atividade para a formação profissional do ensino de história da enfermagem, fizeram renascer de modo fortalecido a ideia da criação do museu, que foi revitalizada quando, no trabalho de conservação dos documentos da ANA, realizado no CDOC/EEAN, sua presidente na gestão 2016-2020, Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense, auxiliada por estudantes de graduação inseridos nas disciplinas eletivas de Oficina de História da Enfermagem I e II, localizou o inventário dos objetos guardados para o museu. Esse documento levou a ANA e o CDOC/EEAN a situar tais objetos, que não foram encontrados nesse exato momento, mas deu pistas à identificação de todas as peças contidas no PA, as quais puderam ser identificadas como artefatos museológicos.

Em 2016, na gestão da Diretora Neide Aparecida Titonelli Alvim, o espaço onde antes funcionava a biblioteca setorial da pós-graduação em enfermagem, transferida para o reformado Pavilhão Thompson Motta, foi cedido para abrigar o Museu da EEAN. Ao mesmo tempo, o HESFA, outro prédio tombado pertencente a UFRJ, localizado em frente ao PA, campo de estágio dos estudantes desde a sua inauguração, e local que abrigou a escola de 1923 até 1927, passava por reforma de restauração quando em suas dependências foram encontradas caixas identificadas como sendo da ANA, contendo objetos assinalados como: “Museu da EEAN”. Assim, o seu Diretor Geral, professor da EEAN, Roberto José Leal, devolveu para a ANA o referido material.

Diante da existência do material museológico, a equipe do CDOC/EEAN buscou e encontrou no próprio PA mais objetos guardados em um galpão. Após um intenso e árduo trabalho de limpeza, higienização, inventário, catalogação e restauração do acervo encontrado e dos objetos, mobiliário e peças dispersos no interior do PA, a equipe tinha material para organizar uma exposição e uma reserva técnica.

A inauguração do Museu da EEAN, ocorrida em 22 de maio de 2017, deu mais vida à atividade de visita guiada que passou a ter mais um espaço complementar. Um projeto de extensão intitulado “Caminhando pela História da Saúde: trajetória e memória da Escola de Enfermagem Anna Nery”, coordenado pelos professores do Nuphebras, Maria Angélica de Almeida Peres, Antonio José de Almeida Filho e Tânia Cristina Franco Santos, além da Presidente da ANA, Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense e das técnicas administrativas Rosa Maria Souza Braga e Anamaria de Souza Fagundes, transformou o Museu da EEAN em um espaço de difusão do ensino de história da enfermagem para cursos de graduação em enfermagem e cursos técnicos de enfermagem, bem como de extensão ao público em geral.

A visita guiada é oferecida para grupos com mais de cinco pessoas mediante agendamento prévio. É realizada pela equipe do projeto de extensão, incluindo estudantes extensionistas, de segunda a sexta-feira entre 8 e 17 horas. Consiste em um encontro para uma breve exposição oral e fotográfica sobre a história da enfermagem seguida pelo passeio nos três andares do PA, no Pavilhão Thompson Motta (antiga maternidade anexa ao PA) e no Museu, sempre com um guia. Os visitantes são estimulados ao diálogo e é permitido fotografar a visita. Ao final ocorre um momento de integração, no qual se aplica um *quiz* ou uma roda de conversa. Todos os visitantes recebem um questionário para avaliação da visita para preenchimento online.

O ensino de história da enfermagem a partir do Museu da EEAN se expande para o espaço de todo o PA devido a sua condição de patrimônio tombado. Tem sido uma experiência bem-sucedida que impacta na formação de profissionais da enfermagem em relação ao conhecimento interdisciplinar, uma vez que traz a museologia, a história, a arquivologia, a antropologia, dentre outras ciências que se entrecruzam durante a visita guiada. Além disso, professores de enfermagem, visitantes, se beneficiam ao acompanharem seus estudantes, contribuindo para a troca de saberes e criando ideias à renovação da prática docente em história da enfermagem, favorecendo a construção e reforço da identidade profissional da enfermagem brasileira.

Aprender a história da profissão possibilita ao estudante e, até mesmo ao profissional, situar-se em um campo de conhecimentos e práticas, sentindo-se pertencente a um grupo social distinto, que possui

características próprias e necessidades ao seu desenvolvimento. O Museu da EEAN, em um ano de existência, recebeu instituições de ensino de diferentes municípios do Rio de Janeiro e de outros estados. Também passou a integrar a rede de museus da UFRJ, através do Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio (SIMAP) da mesma universidade.

A visita guiada ao museu apresenta aos estudantes e a sociedade em geral a história da enfermagem e a importância dessa profissão para a sociedade. Além disso, difunde ciência e cultura, contribuindo com o papel da universidade em retornar para a comunidade contributos para o seu desenvolvimento.

Com a pandemia da COVID-19 em 2020, o Museu da EEAN passou a oferecer visitas guiadas virtuais, o que oportunizou a atividade ser realizada para outras instituições que, pela distância do Rio de Janeiro, não teriam possibilidade de comparecer para participarem. Assim, pode-se citar as visitas feitas à cursos de enfermagem dos estados do Ceará, Maranhão, Santa Catarina, Amapá e Pará.

O valor, quer da disciplina, quer desse acervo museal, enriquece a dinâmica curricular ao tempo em que alarga a oferta de novos temas de pesquisa aos estudantes e trazem consigo o fortalecimento da história viva dos estudos de História da Enfermagem em sua plural dimensão. Na exploração do espaço museal ocorrem diferentes experiências como o interesse pela profissão, a identificação com as personagens históricas, a emoção expressa no encontro com o passado e o entusiasmo despertado pelo discernimento resultante do conhecimento da história da enfermagem.

CONTRIBUIÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS PARA A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE ENFERMAGEM

A Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (EEUFMG) originou-se da Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Sua criação, em 07 de julho de 1933, ocorreu uma década após a criação da escola tida como modelo de formação em enfermagem no Brasil de 1931 até 1949, a Escola de Enfermagem Anna Nery. Tendo sido a primeira escola criada durante o Padrão Anna Nery, buscou, como a primeira, seguir o arquétipo nightingaleano de formação, tornando-se referência para a profissionalização da enfermagem mineira e brasileira⁽¹¹⁾.

Em razão de seu histórico de compromisso com a formação em saúde e notoriedade em seus quase 90 anos de existência, a Escola de Enfermagem da UFMG conta, desde 2006, com um espaço museográfico denominado Centro de Memória da Escola de Enfermagem (CEMENF). A constituição desse Centro só foi possível pelas inúmeras iniciativas empreendidas por professores e funcionários interessados na História da Enfermagem e na preservação da memória profissional e institucional.

O primeiro marco da criação de um centro de memória para a Escola de Enfermagem da UFMG é da década de 1980 com a localização e reunião de documentos históricos que constituíram o acervo da Escola Carlos Chagas. Tal iniciativa foi reforçada com a produção de um acervo oral na década de 1990, idealizado por um grupo de enfermeiras e docentes de história da enfermagem, com o intuito de resgate da memória institucional. Este trabalho permitiu que pesquisadores pudessem iniciar a produção de dissertações de mestrado e teses de doutorado, bem como livros e artigos em história da enfermagem^{1*}, compondo um *corpus* bibliográfico para as disciplinas que trabalham a enfermagem e a saúde em seu contexto histórico, social, político e cultural⁽¹²⁾.

Em 2005, o Centro de Memória da EEUFMG ganhou um espaço físico para sua constituição de fato. O acervo guardado até então começou a ser reorganizado, catalogado e tratado com o apoio de estudantes extensionistas do curso de enfermagem da UFMG. Com a sua inauguração, em 2006, os próximos anos foram

1 *Realça-se as seguintes produções: o livro "Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG: um mergulho no passado" (1999) e as teses: "Escola de Enfermagem Carlos Chagas: a Deus, pela Humanidade, para o Brasil (2006); A trajetória histórica da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais: desdobramentos da Federalização 1950-2004 (2018).

intensos no que concerne ao trabalho interdisciplinar para a conformação da sua atual estrutura⁽¹³⁾. A coordenação do espaço, até então realizada por docentes enfermeiras, foi entregue a uma docente da EEUFMG, historiadora, e o espaço integrou-se à Rede de Museus da UFMG, potencializando o diálogo com outras áreas afins da universidade: História, Museologia, Ciências do Estado, principalmente no que se refere à orientação de estudantes de iniciação científica e extensão, que passaram a colaborar com os seus saberes.

Desde sua criação, o CEMENF passou por reformulações e conta atualmente com área de exposição de objetos e documentos, sala de reserva técnica, sala para guarda do arquivo institucional e sala administrativa, abertos ao público em horário comercial, recebendo ocasionalmente visitantes, funcionários e alunos da EEUFMG.

Buscando a inovação interdisciplinar, em 2019, o Centro de Memória da EEUFMG passou a contar em sua coordenação com uma enfermeira, pesquisadora de história da enfermagem, que assumiu como encargo docente a disciplina “Enfermagem no contexto histórico e social” do curso de graduação em enfermagem, ofertada pelo Departamento de Enfermagem Básica. Essa disciplina, dentre outros assuntos, trata da história da profissão e de sua profissionalização.

Já era uma recomendação da Rede de Museus da UFMG, a qual o CEMENF está filiado, que os espaços museais fossem explorados para o ensino, pesquisa e extensão. Assim, foi feita, em janeiro de 2019, uma reorganização da condução pedagógica da disciplina “Enfermagem no contexto histórico e social”, passando a contar com dois encontros, com carga horária total de oito horas, ofertados no CEMENF como espaço de ensino, atividade apoiada pela câmara departamental do Departamento de Enfermagem Básica.

A experiência exitosa com o ensino de história da enfermagem *in loco* despertou a equipe do CEMENF para a oferta de outras atividades. Assim, diante da percepção de que havia uma demanda das demais escolas de ensino técnico e graduação em enfermagem relacionada à ausência de um espaço para o ensino de história da enfermagem no estado de Minas Gerais, teve início a oferta de visitas ao Centro de Memória por meio de projeto extensionista: “Visita guiada: o CEMENF de portas abertas”.

O projeto “Visita guiada”, fomentado pela Pró-Reitoria de Extensão/Rede de Museus da UFMG, tem como objetivo geral: oportunizar à sociedade espaços de discussão acerca da história e da profissão enfermagem; e como objetivos específicos: realizar visitas guiadas no espaço museográfico do CEMENF; discutir sobre objetos e documentos históricos da enfermagem e relacioná-los aos seus contextos; apresentar a profissão e seus percursos de profissionalização na área de enfermagem, possibilidades de atuação e modalidades de ingresso na UFMG. A visita acontece mediante marcação prévia na secretaria do CEMENF para que o docente e discentes extensionistas do curso de enfermagem da UFMG, responsáveis pela visita, possam realizar o planejamento e recepção do público.

Uma vez agendada, a visita inicia com roda de conversa conduzida por discente extensionista supervisionado pela coordenação do projeto, momento em que se fala sobre a profissão e ingresso na EEUFMG. Em seguida, visita-se o espaço museográfico do CEMENF com explanação sobre os principais objetos expostos e seus contextos históricos. Nesse momento, os visitantes podem tirar fotos, produzir vídeos e são encorajados a seguirem as mídias sociais do CEMENF. Ao fim, é realizada nova roda de conversa para que seja possível debater, tirar dúvidas e realizar a avaliação da visita buscando o aprimoramento contínuo.

Como dito, a Escola de Enfermagem da UFMG é uma referência para a história da profissionalização da enfermagem mineira e brasileira⁽¹⁴⁾. Diante dessa relevância, o CEMENF também vem se tornando referência para as demais escolas de enfermagem do estado de Minas Gerais, públicas e privadas, de ensino técnico e graduação, e tem recebido constantemente solicitações para as visitas tutoradas.

Em apenas um ano de trabalho, o projeto “Visita guiada” contabilizou mais de 1.500 visitas ao seu espaço, o que sinaliza que esta era uma demanda reprimida. Entende-se que oportunizar a visita ao CEMENF à comunidade interna e externa à universidade é disponibilizar o bem público da UFMG à sociedade e descortinar os caminhos da trajetória da enfermagem como profissão no estado de Minas Gerais, que permitiram com que a escola se materializasse em uma instituição sólida para o conhecimento científico na saúde.

Ao realizar a solicitação de visita é feito um cadastro do solicitante no banco de dados do projeto “Visita guiada” pelo discente extensionista responsável. Esse cadastro conta com questões básicas de identificação e anseios do solicitante para com a visita e equipe do CEMENF. Até o momento, considerando 1831 visitantes no período de janeiro de 2019 a janeiro de 2021, 100% (29) dos interessados na visita guiada são professores de enfermagem. Estes lecionam disciplinas relacionadas a História da Enfermagem, Ética e Legislação, Fundamentos da Enfermagem e Biossegurança. Dentre eles 13,8% (4) são do sexo masculino e 86,2% (25) são do sexo feminino, possuem uma média de idade de 37,9 anos, 86,2% (25) são graduados em enfermagem, mas também estão presentes professores com graduação em ciências biológicas e física. 72,4% (21) dos professores possuem pós-graduação e destaca-se o maior número deles com especialização⁽¹⁵⁾.

Os alunos acompanhados por estes docentes são oriundos de instituições públicas e privadas com a participação de 37,5% de instituições de ensino superior e 62,5% de instituições de ensino técnico. Os dados coletados no agendamento da visita permitem conhecer os motivos que levam a visita ao Centro de Memória, destacando-se a busca pelo aperfeiçoamento do ensino em História da Enfermagem, aprimoramento dos conhecimentos e discussões sobre os delineamentos da profissionalização da enfermagem⁽¹⁵⁾.

O delineamento do perfil dos visitantes do CEMENF permitiu vislumbrar outras atividades extensionistas para este público, apoiando a interação e a discussão de temas de interesse do profissional da enfermagem. Uma das questões identificadas foi a necessidade de um maior apoio a este público no que se refere ao ensino de História da Enfermagem como eixo estruturante da identidade profissional, posicionamento político e engajamento cultural. Diante disso, pautou-se no planejamento estratégico do CEMENF para o ano de 2020, uma capacitação com o intuito de atender esses docentes e discentes no que se refere ao preparo mínimo para o ensino e aprendizado da História da Enfermagem, o que expande o espaço museal para a formação docente de modo a difundir experiências e ideias para revigorar o ensino de história da enfermagem.

CENTRO DE MEMÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS E MUSEU DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY: INTERSEÇÕES PARA A INTERDISCIPLINARIDADE

Diante da conjuntura de uma pandemia de COVID-19, o projeto “Visita guiada” precisou se reinventar no início do ano de 2020. As visitas físicas ao CEMENF deram lugar a visitas virtuais e a capacitação para os docentes cadastrados no banco de dados do projeto planejada para acontecer de forma física precisou ser repensada. Nesse sentido, uma parceria importante interdisciplinar foi firmada com o Museu da EEAN. Este espaço também havia diagnosticado em seu projeto extensionista, a mesma demanda referente a necessidade de capacitação de professores de História da Enfermagem.

Assim, estruturou-se uma capacitação virtual no 1º semestre de 2020, com apoio das instituições que abrigam os dois espaços museais. A equipe foi composta pelas coordenadoras e pelos bolsistas de extensão de cada projeto de visita guiada, por uma docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e outra da UFRJ, Campus Macaé Professor Aloísio Teixeira, também responsáveis pelas disciplinas de História da Enfermagem de suas instituições e pesquisadoras na área. A validação do curso foi feita pela Associação Brasileira de Enfermagem Seção Minas Gerais (ABEn-MG) e os participantes puderam ser certificados pela entidade, marcando a união potente entre professores de história da enfermagem interessados no mesmo objetivo: tornar o ensino mais atrativo para o estudante e ampliar seu potencial de construção da identidade profissional.

Em um segundo momento o mesmo curso de capacitação foi oferecido em parceria com a Associação Brasileira de Enfermagem Seção Tocantins (ABEn-TO) e contou com 157 inscritos de 15 Estados e do Distrito Federal, com a prevalência do estado de Tocantins com 42,5% de inscritos. Dentre o público-alvo a prevalência foi de docentes e discentes de graduação e pós-graduação em enfermagem. O formulário de inscrição coletou as principais queixas deles quanto ao ensino e aprendizado em História da Enfermagem, destacando-se em maior número a escassez de recursos metodológicos inovadores e fontes de pesquisa. Esses dados apoiaram a elaboração dos encontros virtuais.

Foram realizados cinco encontros de uma hora cada que contaram com um público médio de 80 pessoas e, a cada encontro, foi contabilizado um número maior de participantes em comparação ao encontro anterior, demonstrando um crescimento do público ao decorrer da capacitação. A fim de avaliar a capacitação, foi elaborado um questionário de encerramento que abordou questões a respeito da percepção dos participantes em relação a esta oferta. Quando perguntados sobre os conteúdos abordados nos encontros 73,6% dos inscritos classificaram o conteúdo como excelente e as principais sugestões foram em relação ao tamanho da carga horária, que foi considerada pequena pelos participantes. Já, sobre a relevância 79,2% classificaram que o curso foi de grande relevância para sua formação. Além disso, ao serem perguntados se recomendariam o curso para outras pessoas, 100% dos participantes que responderam ao formulário afirmaram que sim⁽¹⁵⁾.

A capacitação possibilitou a socialização do conhecimento de história da enfermagem para profissionais de grande parte do país, saindo do eixo sudeste-sul, que concentra uma boa parte dos pesquisadores da área, e mostrou-se relevante para formação complementar dos inscritos. Os dados obtidos demonstram que as demandas, que até então eram reprimidas, puderam ser minimizadas e apontam perspectivas para outras capacitações, a fim de contemplar o público interessado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação em enfermagem tem no conhecimento de história da enfermagem uma potente ferramenta para a interdisciplinaridade de saberes que tende a engajar os futuros profissionais nas lutas empreendidas no exercício profissional para os avanços das práticas assistenciais.

Revitalizar o ensino de história da enfermagem é um desafio que as instituições guardiãs da memória da profissão vêm se propondo a fazer no Brasil. As instituições aqui tratadas, o Museu da EEAN/UFRJ e o CEMENF/UFGM inseriram no ensino técnico e de graduação em enfermagem a educação museal por meio da visita guiada. Além disso, propuseram e realizaram um curso de capacitação docente que repercutiu para profissionais da assistência e estudantes, que se mostraram interessados em saber mais sobre a história da enfermagem. Há nisso tudo um genuíno interesse no crescimento e na interdisciplinaridade do saber-fazer da enfermagem resultante do aprofundamento do conhecimento sobre a trajetória profissional e, mais ainda, daquilo que somente pode ser percebido quando toma-se de empréstimo as expressões que podem ser lidas por outras disciplinas, como a Arte, a Literatura, a História, a Arquitetura, a Sociologia, a Museologia, entre outras, que se juntam quando estamos dentro de um museu. Diante disso, as iniciativas permitem ir além do ensino de Enfermagem e levam os estudantes a buscar outras dimensões pertinentes à História, que certamente são capazes de despertar o interesse em estudar este tema em nível *stricto sensu*, aprofundando aquilo que já é conhecido e fazendo emergir novos temas para a pesquisa.

Aprender no museu requer o uso dos cinco sentidos na apreensão do passado. Requer imaginação e provoca emoções relacionadas a uma profissão, portanto, é fundamental para despertar o desejo em ser enfermeiro e guiar a construção de uma identidade profissional forte que aproxime os profissionais pela identidade de grupo conhecida e reconhecida ao longo da formação acadêmica.

O advento de uma pandemia de consequências e ações bastante graves para o país e para o mundo, que exigiu o distanciamento social e fechamento total dos espaços de cultura foi um desafio que, ao ser superado em adaptações, permitiu reinventar a visita guiada na forma virtual, ampliando ainda mais o alcance da atividade de ensino museal. Guardadas as devidas proporções entre a visita presencial e virtual, é possível reconhecer tanto o Museu da EEAN quanto o CEMENF como pioneiros no processo de revitalização do ensino de história da enfermagem no Brasil.

Contudo, ainda é preciso mudar o olhar e significado dado à história da enfermagem pelas instituições de formação nos seus diferentes níveis, a fim de que seja explorado seu potencial de coesão como identidade de grupo profissional, imagem indispensável a uma identidade coletiva. A história da enfermagem é uma disciplina vigorosa que precisa vir ocupar seu lugar movendo-se em espiral nos currículos de enfermagem de

todo o país e, assim, ganhar força de união para alavancar temas interdisciplinares que garantam a produção de novas teses e estudos correlatos à futuridade que o presente está a exigir.

REFERÊNCIAS

1. Barreira IA, Baptista SS. O movimento de reconsideração do ensino e da pesquisa em História da Enfermagem. *Rev Bras Enferm.* 2003;56(6):702-6. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672003000600024>
2. Padilha MI, Borenstein MS, Santos I(Orgs.) *Enfermagem: história de uma profissão.* 2ª edição. São Caetano do Sul, SP: Difusão editora; 2015.
3. Reis BSS. *Expectativas dos professores que visitam o Museu da Vida[Dissertação].* 2005. 106f. Departamento de Educação. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense; 2005.
4. Cândido MMD. *Museus como espaço de interdisciplinaridade e o ofício do historiador.* Anpuh – XXV Simpósio Nacional De História. Fortaleza; 2009.
5. Costa HHFG. *Museus fazem bem à saúde? uma tese sobre museu e saúde na sociedade do século XXI.* *Museol Interdiscip.* 2020;9(17):147-57. <https://doi.org/10.26512/museologia.v9i17.29475>
6. Coelho EA. *A relação entre Museu e Escola.* UNISAL: Lorena; 2009.
7. Santos TS. *A relação museu-escola: uma investigação das influências exercidas pela escola, sobre as abordagens museais[Dissertação].* Campina Grande: Centro de Ciências e Tecnologia. Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba; 2016.
8. Padilha MI, Borenstein MS, Santos I. (Org.) *Enfermagem: história de uma profissão.* 3ª edição. São Caetano do Sul, SP: Difusão editora; 2020.
9. Dias NL, Carvalho MS, Paim L, Aperibense PGGG, Peres MAA. *Monumentos e personagens históricos: preservação da identidade profissional da enfermagem em espaço acadêmico.* *Hist enferm Rev eletrônica [Internet]* 2016[cited 2020 Apr 16];7(2):423-39. Available from: <http://here.abennacional.org.br/here/2a05.pdf>
10. Peres MAA, Souza ABSF, Silva DM, Aperibense PGGG, Duarte SCM, Santos TCF. *Museu como estratégia de difusão do conhecimento em história da enfermagem.* *Hist enferm Rev eletrônica* 2019;[cited 2020 Apr 16];10(2):10-22. Available from: <http://here.abennacional.org.br/here/v10/n2/a1.pdf>
11. Santos FBO, Rabelo ARM, França BD, Carregal FAS, Marques RC, Silva KL, et al. *Black women in nursing history: the cultural competence in Maria Barbosa Fernandes trajectory.* *Rev Bras Enferm.* 2020;73(Suppl 4):1. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0221>
12. Frugoli AG, Santos BM, Carrega FAS, Santos FBO, Souza HP, Reis MRF, et al. *Acervo oral da escola de enfermagem da universidade federal de minas gerais: experiência potente na graduação.* São Paulo: Atena; 2020.
13. Santos FBO. *A trajetória histórica da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais: desdobramentos da federalização 1950-2004[Tese].* Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte; 2018.
14. Santos FBO, Carregal FAS, Rodrigues RD, Marques RDC, Sena RRD. *História da enfermagem brasileira (1950-2004): o que tem sido discutido na literatura?* *Rev Enferm Cent-Oeste Min.* 2018;8(e):1-14. <https://doi.org/10.19175/recom.v7i0.1876>
15. *Centro de Memória da Escola de Enfermagem (CEMENF). Banco de dados Projeto Visita Guiada: o CEMENF de portas abertas.* Belo Horizonte (MG): Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG; 2020.